

FÔRÇA EXPEDICIONÁRIA EXPULSARÁ FRANCESES DO RIO DE JANEIRO



491
12.2.619.

É A GUERRA!

Com esquadra e soldados, Portugal, agora, está pronto para expulsar os franceses do Rio de Janeiro. O reforço trazido pelo almirante Bartolomeu Cunha significa que teremos guerra. Uma força expedicionária partirá a qualquer momento rumo ao Rio de Janeiro para dali fazer sair os franceses. O BRASIL EM JORNAL terá, a bordo da esquadra, um correspondente de guerra. Na página 2 publicamos detalhada reportagem.

Rei de França encontra morte em hora marcada

A mais completa reportagem sobre o terrível acontecimento que enlutou os franceses — Profecias de Gauric e Nostradamus haviam previsto a morte de Henrique II com estranha e absoluta precisão



Sensacional flagrante colhido no momento exato em que se dava a tremenda tragédia que roubou a vida ao rei de França, Henrique II. A estupidez do acidente foi fixada para a História pelas testemunhas de vista, Tortorel e Perissin. A lança do capitão Montgomery, senhor de Lorge, enterra-se na cabeça do soberano, partindo-se em três pedaços. Para penetrar no capacete, a ponta da lança levantou a viseira do rei que estava mal presa.

A família real, os nobres, assim como a favorita Diana de Poitiers a tudo assistem do alto do balcão. Foi um momento de estupor geral. Embora tão gravemente atingido Henrique II ainda se manteve sobre o cavalo até o outro lado da pista, onde tombou nos braços de alguns súditos, dizendo: — «Estou morto!».

Na reportagem detalhada que publicamos na página 7 damos conta da tragédia que abalou a França, assim como das estranhas e incrivelmente certas profecias que antecederam o infausto acontecimento.

O Brasil em Jornal

1558/9 N.º 19	"A HISTÓRIA EM NOTÍCIA"	Comum: Cr\$ 10,00 Aéreo: Cr\$ 12,00 Atrasado: Cr\$ 15,00
Diretor: AMARAL NETTO	Assessores: GUSTAVO BARROSO JAYME COELHO	Redator-chefe: CLAUDIO SOARES

Elizabeth I nova rainha da Inglaterra

Aos 25 anos, Elizabeth — «Bess», como é chamada na corte inglesa — substituiu sua meia-irmã no trono. A filha de Ana Bolena e Henrique VIII é a segunda mulher — se não contarmos o meteórico reinado de Jane Gray — que coloca na cabeça a coroa real britânica.

Sobre a morte de Maria — «A sanguinária», para alguns — e a sucessão, publicamos reportagem na página 3.

NO IMPÉRIO QUE CRIOU, O SOL NUNCA SE DEITA

Na paz de um mosteiro — Yuste — na Estremadura, Espanha, acaba de falecer um dos maiores soberanos deste século: Carlos I de Espanha, V do Santo Império Romano Germânico. Sobre a morte desse homem que tão grande extensão de terras dominou divulgamos notícia detalhada na página 2. Os leitores de O BRASIL EM JORNAL que se familiarizaram com o imperador Carlos V pela permanente cobertura que demos à sua vida pública, encontrarão nesta edição um registro à altura da importância desse personagem em cujos domínios «de tão extensos que são, o sol nunca se deita...»



O SOLDADO POETA GANHA CURADORIA

Macau, 1558

O soldado e poeta Luis de Camões, a quem já nos referimos em números anteriores, foi nomeado para importante cargo público nesta cidade.

Doravante, além das musas e das espadas, que ele nem sempre só usou em guerras, terá a seu cargo os interesses de ausentes, órfãos e defuntos.

Salvador, 31. dezembro, 1559

Os índios se devoravam uns aos outros por causa dos próprios brancos, que os queriam escravizar — esta a sensacional declaração de uma das maiores autoridades em assuntos brasileiros, o padre Manuel da Nóbrega.

A propósito da questão, Nóbrega escreveu ao ex-governador Tomé de Sousa, seu amigo particular, dando conta de que está fazendo Mem de Sá, à frente do governo: os índios estão sendo agrupados em acampamentos à volta das cidades, para que se alcance mais rapidamente sua integração.

«Esta inovação — é o padre Manuel da Nóbrega quem diz — desagradou aos colonos. É fácil perceber os motivos dos descontentes. Com o aldeamento, os selvagens estarão a coberto de capturas. Na certa, faltarão escravos para seus negócios».

Noutra carta, Nóbrega sugere a criação de inspetores de índios para se acabar de vez com os abusos dos brancos. Com a decisão de proibir o canibalismo, espera o jesuíta que a melhoria das relações entre brancos e selvagens facilite o progresso do país.

PROIBIDO
CANIBALISMO

FÔRÇA EXPEDICIONÁRIA EXPULSARÁ FRANCESES DO RIO DE JANEIRO

Salvador, dezembro, 1559 (Da sucursal)

Já conhecendo, por espíões, o poderio dos franceses alojados no Rio de Janeiro, o governador Mem de Sá aprontou o corpo expedicionário que tentará expulsá-los do país.

Esta cidade está em pé-de-guerra: os homens válidos, compreendendo, afinal, a extensão do perigo, decidiram alistar-se. O governador escreveu a São Vicente, ameaçada também pelas penetrações dos invasores, pedindo reforços. O plano de ação já está preparado. Provavelmente, quando a esquadra com as forças desta cidade chegar ao Rio de Janeiro, lá estarão os reforços de São Paulo.

O embarque das tropas é mantido em sigilo para não prejudicar as operações, mas acredita-se que ele não ocorra antes de 2 semanas.

O repórter, abordando Mem de Sá, obteve a pormenorização de todos os acontecimentos brasileiros, desde a chegada do governador.

Ele tomou posse do governo em 3 de janeiro do ano passado, após o retiro espiritual de uma semana no colégio dos jesuítas.

— O Brasil, afirma, principalmente a Bahia, enfrentava uma série de problemas. O pior eram as constantes demandas judiciárias e a jogatina desenfreada.

Bastava ver a alegria de Pero Borges (provedor da justiça) quando, já acostumado às questões diárias no fóro, um belo dia não teve reclamação alguma a atender.

«Orientei esforços para acabar com os rancores entre colonos e penso que o consegui. Quanto aos jogos de cartas, pelo menos não tenho sabido de mais irregularidades. Se o povo continua jogando é às escondidas.»

INDÍOS: MUITA LUTA

Mem de Sá perdeu um filho no combate aos índios do Espírito Santo mas acabou triunfando sobre um dos mais sérios problemas do país: a animosidade entre selvagens e colonos. Perguntamos-lhe como conseguira tão bons resultados e ele esclarece, em poucas palavras:

«Pulso de ferro! Tudo tem de ser feito à força, pois os índios não conhecem a piedade evangélica. Fazemos-lhes o bem através do terror.»

Sobre as lutas que teve de enfrentar, Mem de Sá recorda as mais sérias. Uma, a do Espírito Santo, em abril do ano passado, custou-lhe o sacrifício do filho, Fernão de Sá.

— «Devia ter ido em pessoa ao Espírito Santo para socorrer os colonos. Mas a população de Salvador não permitiu que eu embarcasse e decidi enviar Fernão, com 5 navios. A esquadra partiu para a cidade onde se encontrava Vasco Fernandes e não encontrou mais os índios. Resolveu-se, então, fazer uma sortida aos acampamentos dos selvagens. A tropa desembarcou e atacou-os. Um contra-ataque dos

índios mostrou aos nossos os perigos em que estavam metidos. Meu filho sustentou a retirada da tropa e pagou com a vida a salvação dos companheiros, que o abandonaram. Em consequência, sugeri à rainha Catarina a aquisição da capitania, em virtude da idade avançada de Vasco Fernandes. De qualquer modo, e apesar do alto preço pago, o Espírito Santo ficou livre dos índios incômodos.

Na região da Bahia, houve também combates contra os selvagens. O governador explicou-nos que baixou instruções para coibir a antropofagia. Um chefe da ilha Cururupeba desobedeceu às determinações de Mem de Sá e foi preso por Vasco Rodrigues de Caldas. Agora, recém-saído da prisão, o cacique é um grande amigo dos colonos. Caldas fez duas sortidas contra os índios e submeteu-os todos.

OBRAS E FRANCESES

O governador está empenhado em concluir as obras da igreja da Sé, em Salvador, e já terminou um engenho mandado construir por conta do Estado. Por outro lado, em carta à rainha Catarina, deu conta das dificuldades que terá de vencer para expulsar os franceses e fazer progredir a colonização.

D. Catarina recebeu seu relatório e providenciou para que a Câmara de Vereadores de Salvador e os procuradores da cidade dessem toda a assistência possível aos jesuítas, auxiliares eficientíssimos da obra de recuperação encetada por Mem de Sá. Quanto aos franceses, a regente enviou grande reforço ao governador. Em novembro deste ano, chegou aqui a esquadra comandada por Bartolomeu de Vasconcelos, com homens e munições. Agora, em dezembro, outro auxílio valioso foi recebido do reino: chegou o guia espiritual da colônia, o novo bispo do Brasil, D. Pedro Leitão.

E Mem de Sá explica:

— «A esquadra ficará às minhas ordens para expulsar os invasores. O bispo já está em franca atividade. Por seu

intermédio, reunimos os jesuítas e índios dispostos à luta».

A nossa pergunta de como pretendia expulsar os gauleses (se com bloqueio ou por ataques frontais), negou-se a responder, sob pretexto de que a tática a ser adotada é «segredo de Estado». Esclareceu, todavia, que, por espíões e índios amigos, no sul do Brasil, já sabe mais ou menos com quantos soldados contam os franceses: aproximadamente 800 homens. Concluindo, disse que o ataque, de qualquer forma, deverá ocorrer no começo do próximo ano, pois que as penetrações francesas ameaçam até o núcleo de São Vicente.

No império que criou o sol nunca se deita

Yuste, 21, setembro, 1558

O homem que durante 40 anos dominou o cenário político da Europa, como um novo César, lutando para manter a universalidade e unidade da Igreja e do Império, já não existe mais. Seu nome, porém, ficará na História como símbolo de bravo cavaleiro, político excepcional, católico de convicções arraigadas e grande imperador.

Carlos V, da Espanha e V da Alemanha representou, por si só a primeira metade de nosso século. Se o seu reinado não foi unicamente de sucessos — explicam os observadores — deve-se isso às guerras que manteve contra quase toda a Europa.

JUNTO COM O BRASIL

Carlos V nasceu em Gante no dia 24 de fevereiro do mesmo ano em que o Brasil foi descoberto. O fato de ter crescido em ambiente impregnado de humanismo, influenciou muito sua formação, pois embora fosse do tipo conservador, mostrou sempre profunda visão, variedade cosmopolita e um certo matiz de tolerância para toda classe de idéias.

Em 1506, ao morrer seu pai, Filipe entrou na posse da herança borgonhesa, procedente de sua avó Maria. Doze anos mais tarde, depois da morte de Fernando, o Católico, era elevado à dignidade real em Castela e Aragão junto com sua mãe, Joana, a Louca. Neste mesmo ano (1518), a morte de Maximiliano I, seu avô paterno, lhe dava as possessões dos Habsburgos na Alemanha e o direito de pretender a coroa imperial.

Se a herança borgonhesa lhe entregava a espada e a política antifrancesa de Carlos, o Temerário, a herança espanhola lhe dava um império jamais visto.

No outono de 1517, quando veio para a Espanha assumir a herança de seus avós, era um rapaz submetido à influência dos no-



Leonardo Limosin, artista de Limoges (berço de grandes esmaltadores), chamado, pela sua merecida reputação, à corte de Francisco I, é autor de muitas obras de incalculável valor, como a que reproduzimos para nossos leitores: um retrato equestre de Henrique II e Diana de Poitiers em esmalte, de forma ovalada. Nota-se na arte de Limosin maior inclinação para motivos profanos, ao contrário de seus colegas que preferem assuntos religiosos.

bres flamengos de sua intimidade. Logo seu interesse se concentra na sucessão imperial da Alemanha. Enquanto em Castela estourava a sublevação das Comunidades (1520), Carlos recebe a coroa do Império em Aquisgran no dia 23 de outubro de 1520.

Não tinha ainda 21 anos quando enfrenta Lutero e o movimento «evangelista» na dieta de Worms (1521). Nos anos seguintes alguns fatos fogem ao controle do César: sublevação dos cavaleiros e dos camponeses na Alemanha, progresso do luteranismo e dos grandes príncipes, liquidação das guerras da Itália. A própria vitória de Pávia (1525), que consolida o poder da Espanha na Itália setentrional, não é atribuída à intervenção especial de Carlos V, bem como o saque de Roma em 1527, pois nesse momento desconhecia a situação dos seus exércitos.

Através desses notáveis acontecimentos políticos, Carlos temperou seu espírito. Em 1528 expressava em Madrid uma concepção imperial própria, sem qualquer influência de seus conselheiros nem do chanceler Gattinara. A partir deste momento o imperador, que já se hispanizou, vai hispanizar a Europa, dando-lhe o espírito de cruzada contra os infiéis e os hereges, e o estímulo para lutar pelo restabelecimento da unidade cristã e imperial.

A 24 de fevereiro de 1530 é coroado solenemente em Bolonha pelo Papa Clemente VII, seu antigo adversário. Este ato estabelece uma divisão na vida de Carlos V, pois a partir de agora o César vai agir por conta própria. O império que recebeu era uma sombra. Carlos, então, vai percorrer a Europa e o norte da África. Ele mesmo dirige as operações que expulsam os turcos das proximidades de Viena em 1532; é ele quem preside à tomada da Goleta em 1535. Também é Carlos que chefia as tropas que

invadem Provença em 1536, quando da terceira guerra contra Francisco I; quem sufoca a rebelião de Gante em 1540; quem anula os ataques do duque de Clèves em 1544 e firma com Francisco I a paz de Crepy (18 de setembro de 1544).

A vitória de Mühlberg (24 de abril de 1547) e a Dieta de Augsburg (1548) assinalam o momento culminante de seu poder na Europa. É este o Carlos V arrogante que nos apresenta Ticiano, na gravura que estamos



CARLOS V

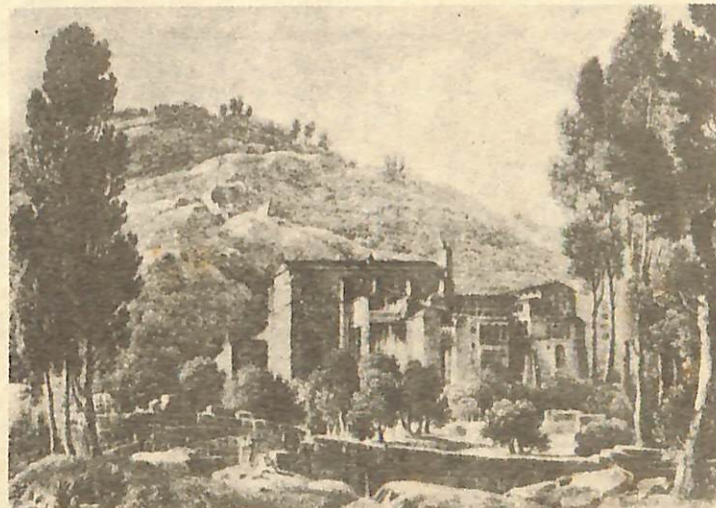
Quando brilhava tanto quanto o sol

A DECADÊNCIA

Em seguida, vem a debilitação de sua obra e de sua pessoa, pois está esgotado e doente. Além disso, as novas correntes históricas vão se impondo aos poucos: a França favorece o jogo dos príncipes alemães, protestantes ou católicos (tratado de Chambord, 1552), e o imperador tem que fugir uma noite de Innsbruck, para não cair em poder de Maurício de Saxônia. Em agosto de 1552 tem que assinar o tratado de Passau, que arruina sua obra na Alemanha; em 1553 está impotente para forçar Metz, de quem as tropas francesas se apoderaram.

Mas a maior amargura de sua vida é a liberdade religiosa que se concede aos protestantes na Dieta de Augsburg de 1555. E então reconhece que para defender a Igreja católica e consolidar a Idéia imperial, precisa-se de outro homem e outra política. Este é o principal motivo de sua abdicação.

Em fevereiro do ano passado se retirou para o mosteiro de Yuste na Extremadura, de onde ainda pôde contemplar o triunfo das armas espanholas em Saint-Quentin e o início de uma nova época histórica.



YUSTE

Na paz deste mosteiro, entre montanhas e bosques, Carlos V encerrou sua agitada vida

COLUNA MILITAR

ADAGAS

As adagas levantinas ainda estão sendo usadas substituindo as antigas misericórdias e mãos-esquerdas. Distinguem-se dessas por serem mais curtas, com as lâminas ligeiramente curvilíneas. Em lugar de maçã, rematam o punho duas semiesferas de metal um tanto afastadas. Essas armas vêm de Veneza.

Por causa da disposição do remate do punho, estão sendo chamadas na Espanha de adagas-de-orejas. Em Portugal são conhecidas como adagas-de-orelhas. Sua origem é masárabe.

Elizabeth I, nova rainha da Inglaterra

Londres, 17, novembro, 1558

«Se abrirem meu coração, verão escrito nêle um nome: Calais» — Estas palavras ditas por Maria Tudor agonizante provam que a derrota de janeiro foi uma das maiores mágoas desta rainha que morreu hoje, odiada pelo povo, desprezada pelo marido e atormentada pela falta de um filho.

Seus 42 anos de vida e seus cinco de reinado tiveram como objetivo supremo a restauração do catolicismo na Inglaterra. Para isso, como rainha, se apolou nas grandes massas católicas do campo, em particular na classe dos proprietários livres, os «Yeomen». Não soube, porém, apreçar o poder nascente e a força de oposição dos burgueses das cidades do sul.

Por esse motivo sua obra de restauração católica fracassou, sob vários aspectos. As opiniões sobre Maria vão de um extremo ao outro: observadores protestantes acusam-na de crueldade; já os católicos acham que ela merece respeito pela nobreza e santidade de seus propósitos.

JUVENTUDE INFELIZ

Desde cedo pesam na vida de Maria o agravo de que foi objeto sua mãe e a tristeza em que viveu a maior parte de sua juventude. Nascida em Greenwich no dia 18 de fevereiro de 1516, seu pai logo a considerou como um pião no jogo de sua política internacional. Sucessivamente a prometeu ao delfim da França, Henrique II (1518), ao imperador Carlos V (1521) e ao duque de Orleans (1527).

Quando seus pais se divorciaram, Maria seguiu sua mãe na desgraça. Em 1532 foi separada dela e educada junto a sua irmã Elizabeth. A terna jovem teve que sofrer os rigores de Ana Bolena e a animosidade de Henrique VIII. Tantos foram os sofrimentos, que ela esteve à morte em 1535, mas depois de vários anos de luta, admitiu sua condição de filha ilegítima e a supremacia de Henrique VIII sobre a Igreja.

«A SANGUINARIA»

Os primeiros atos do governo de Maria indicaram logo a direção de seus propósitos: Cramer foi encarcerado e Gardiner nomeado lord-chanceler. Embora seu governo desejasse a restauração rápida do catolicismo, a rainha, influenciada por Carlos V, não queria adotar nenhuma medida que provocasse a guerra civil. A conjuração de Tomas Wyatt, que ameaçou seriamente o trono, não teve maiores consequências que algumas execuções.

CATEAU-CAMBRÉSIS

MARCO DE PAZ

Cateau-Cambrésis, 3, abril, 1559

A reconciliação entre os Valois e os Habsburgos está finalmente feita, graças ao tratado assinado hoje, segundo o qual, «os dois príncipes impelidos pelo mesmo zelo e sincera vontade» se comprometem a promover o concílio e dão a esta paz, que põe fim às guerras na Itália, um caráter de Santa Aliança para combater a heresia.

Estavam presentes os plenipotenciários de Henrique II de Elizabeth e de Filipe II. Ficou estabelecido que França e Espanha restituirão reciprocamente suas recentes conquistas. Assim é que Henrique II renunciou definitivamente a Milão, perde Thionville, Mariemburgo e Montmédy, mas fica com Saint-Quentin, Ham, Le Catelet, e com Calais durante oito anos, ao fim dos quais poderá restituir ou pagar o preço de 500 mil escudos.

ram 300 defensores do anglicanismo, o que lhe valeu o triste epíteto de «sanguinária».

ELIZABETH A SUCESSORA

A sucessora de Maria é sua irmã por parte de pai, Elizabeth, filha de Ana Bolena. Embora tivesse sido considerada ilegítima quando sua mãe morreu no patíbulo, o Parlamento aprovou uma lei, depois da morte de Joana Seymour, colocando Elizabeth na linha de sucessão.

A nova rainha tem 25 anos de idade. Segundo elementos a ela ligados, Elizabeth sente-se profundamente inglesa, apesar da influência renascentista e italianizante de seus tutores. Do ponto de vista religioso, diz-se que é cética. Apenas acredita na necessidade de uma Igreja uniforme e centralizada, para coadjuvar a ação do Estado, mas não pensa em voltar ao passado (principalmente ao tempo de seu pai).

Pouco depois, no dia 25 de julho de 1554, Maria Tudor casava-se com Filipe, para quem, muito mais jovem que ela, concebeu seu único amor.

Filipe não interveio em nenhuma das futuras medidas de repressão, pelo contrário, aconselhou prudência.

Quando Filipe se ausentou, depois de restabelecida a velha legislação contra os hereges, Maria deixou-se levar pela violência. Nesta época morreu

ODISSÉIA FRANCESA:

Papagaios, macacos, ratos e velas devorados com sofreguidão

Paris, dezembro, 1559

Na sua roupa mais alegre e acompanhado de meia centena de índios que trouxe do Brasil, reapareceu na corte, inesperadamente, o capitão Nicolau Durand de Villegagnon, fundador de um reino francês na América e de que ele, segundo seus inimigos, queria ser o rei.

Villegagnon evitou qualquer pronunciamento sobre sua conduta à frente do governo na ilha Coligny mas frisou que não desistia de seu projeto e haveria de voltar ao Brasil, com gente capaz.

Em seguida, avistou-se com a rainha Maria Stuart, a quem o liga velha amizade: Villegagnon foi quem a raptou da Escócia para a França.

PERDEU PRESTÍGIO

Villegagnon, antigo colega de colégio de Calvino, chegou a contar, em certa fase de seus projetos, com a inteira solidariedade do líder protestante em Genebra.

Assim, a seu pedido, Calvino enviou-lhe um grupo de protestantes para o ajudar na catequese dos selvagens brasileiros. O capitão, todavia, desaveio-se com os protestantes por uma questão dogmática (vinho com água). Chartier, um dos missionários, voltou à Europa apressadamente para consultar Calvino sobre a dúvida e aproveitou a oportunidade para fazer sérias acusações ao comandante francês. Mas, ao que parece, o guia protestante não lhe deu ouvidos, tal a confiança que depositava em Villegagnon. Pelo contrário, Chartier foi chamado de «excitado» e suas acusações, de «sonhos de um doente».

Em meados de 1558, todavia, os depoimentos de outros protestantes recém-chegados, puseram a questão a limpo. Os esclarecimentos do austero sr. de Corguilleray levaram Calvino a considerar Villegagnon traidor da causa protestante.

CAPITÃO MANDOU MATAR!

Um dos missionários chegados no ano passado, Jean de Léry, contou a nosso repórter o que foi a odisséia dos protestantes no Brasil, desde o início das desinteligências com Villegagnon.

«Após a questão do vinho, talvez por influência do clima tropical, começou Léry, as relações entre os nossos companheiros e Villegagnon se azedaram. O capitão é um homem de gênio intratável e nós resolvemos trocar a ilha de Coligny pelo continente. Ai, nós pregamos aos selvagens e os preparamos para a catequese. Se não fôra a revolta do comandante contra a religião reformada, muitos frutos nós teríamos colhido».

O missionário explica-nos como não suportando mais as intrigas de Villegagnon, os refugiados decidiram voltar à França.

«Um navio normando, o «Jaques», que fazia carga de macacos, papagaios e pau-brasil, aceitou trazer-nos, por 500 libras. Villegagnon não só deu permissão para a viagem como se rejubilou quando embarcamos. Basta lembrar que ele, que tem seis ternos, um de cada côr, botou, na despedida o de côres mais berrantes, para nos dar a entender sua alegria.»



Léry rememora o que foi a viagem, a bordo do «Jaques»: «O navio, já muito velho, mal saiu de Henriville (Rio de Janeiro) começou a fazer água. Um grupo dos nossos, diante do perigo de continuar viagem, teve a infeliz idéia de voltar ao pôrto. Assim, Jean de Bordel, Mathieu Verneuil, Pierre Bourdon e mais dois, cujos nomes não me ocorrem, desembarcaram de fato. O que lhes aconteceu — nós só agora o sabemos — foi uma ignomínia. Villegagnon pensou que eles tivessem voltado para tramar algum motim e os submeteu a julgamento, sob a acusação de hereges. Bordel, Verneuil e Bourdon foram condenados à morte. Os outros dois a trabalhos forçados.»

NEM PAPAGAIO ESCAPOU

«O «Jaques» gastou vinte semanas na travessia Brasil-Europa, prossegue Léry. Os mantimentos acabaram em meio ao oceano e tivemos de nos valer dos macacos e papagaios que tínhamos a bordo para não morrer de fome. Até um papagaio que estava reservado para o almirante Coligny acabou sendo comido como um manjar divino. Depois, todos caçamos os ratos de bordo para não morrer. Um artilheiro do navio chegou a comer as tripas, cruas, de um papagaio, mas, dias depois morreu de inanição. As gotas de chuva eram recolhidas avidamente. Neste transe, comemos até sapatos, velas de sebo e o próprio pau-brasil».

O comandante do «Jaques» trazia um cofre contendo cartas de Villegagnon para as autoridades do primeiro pôrto francês em que entrassem. Por sorte, conclui Léry, o juiz de Blavet era nosso correligionário. Nas cartas, Villegagnon pedia nossa prisão, acusando-nos das maiores torpezas.

FICOU BOIS-LE-COMTE

A reportagem de O BRASIL EM JORNAL apurou, junto aos que regressaram de Henriville, que o comando da colônia ficou entregue ao sobrinho de Villegagnon, sr. Bois-le-Comte, com plenos poderes.

O comandante Nicolau Villegagnon, informa-se por outro lado, está a par dos planos portugueses de recuperação da zona em poder dos franceses. Sua vinda apressada à França é interpretada por alguns como sinal de fuga ao perigo.

Na chancelaria, todavia, não se soube esclarecer as razões do regresso de Villegagnon. Alguém se limitou a sugerir uma hipótese: Villegagnon, espírito afeito a discussões, quer explicar-se diante de Calvino. Na certa, ele se empenhará em polémicas, concluiu nosso informante.

JESUITAS DISCORDAM

Curioso, com relação a Villegagnon, é o que pensam a seu respeito os jesuitas de França e Portugal. Enquanto os franceses o consideram digno de toda a confiança (até se prontificaram a ajudá-lo se ele quiser voltar ao Brasil), seus irmãos portugueses, à frente de todos o padre Nóbrega, o tratam como um reles herege.

O luto do Brasil

O Brasil ainda está de luto. Verdadeiramente de luto. Desde junho de 1557 quando faleceu em Lisboa El Rei D. João III. Em outubro, morreu na Bahia Diogo Álvares, o Caramuru. Desapareceram, assim, duas grandes testemunhas dos primeiros passos da futura e vastíssima terra que os navios de Pedro Álvares Cabral encontraram na derrota da Índia. E testemunhas que tiveram notável atuação para o seu desenvolvimento: um como seu primeiro administrador, outro como seu primeiro povoador.

Pouco tempo depois do achado do Brasil, desapareceria do seio dos vivos D. Manuel, o Venturoso, a quem o destino reservara a glória de colher os ricos frutos da experiência marítima dos portugueses, iniciada em Sagres pelo glorioso infante D. Henrique. Coube, pois, a D. João III, seu sucessor, tomar as primeiras providências de caráter administrativo para aproveitamento da terra de Santa Cruz, em cuja imensa e férrea costa os corsários franceses enxameavam. É ele quem dá carta de governo a Martim Afonso de Sousa e lhe fornece o armamento naval e os poderes necessários para que trace objetivamente o primeiro contorno da colônia nascente e, nas proximidades do ponto nevrálgico meridional, diante da frequência dos espanhóis, plante a primeira vila, S. Vicente. Depois, em face das penúrias do erário, sonhando interessar na sua obra colonizadora, os cabedais privados, divide o Brasil em capitânias e escolhe, nem sempre com felicidade, os seus donatários. E, afinal, ante o malogro dessa medida não insiste em mantê-la, inteligentemente a revoga e, em seu lugar, toma outra absolutamente contrária, a criação do Governo Geral com sua sede na nova cidade do Salvador, a qual elimina a descentralização das donatárias e centraliza os poderes civis e militares do Estado do Brasil, peça inteira que substitui da noite para o dia a fragmentação anterior, num Governo Geral devidamente prestigiado. Esse grande ato é a certidão de nascimento do Brasil-político.

Caramuru, naufragado na costa baiana aí por 1510, salva-se milagrosamente e consegue a amizade dos selvagens, unindo-se a uma das suas mulheres. De então por diante se torna o fiel da paz e aliança entre os brancos e os aborígenes, ao mesmo tempo que inicia, com os filhos que vai tendo, o povoamento do território pela mestiçagem. As expedições lusas de policiamento da costa ou de início da colonização encontram o seu apoio seguro e fiel. O primeiro Governador Geral ao desembarcar cai-lhe nos braços acolhedores. É o patriarca da luso-tupinidade, o criador do Brasil-social sem preconceitos de raça e de cor.

Além de criadores, foram essas duas grandes figuras veneráveis testemunhas do amanhecer da terra brasileira para o seu grande destino luso-cristão. O Brasil, portanto, em frente de seus túmulos, tinha mesmo de vestir-se de pesado luto.

MORREM OS DOIS CRISTIANOS ESCANDINAVOS

Estocolmo, dezembro, 1559

A Escandinávia perdeu este ano nada menos que dois reis: Cristiano II, que reinou sobre Dinamarca, Noruega e Suécia até 1523, quando foi deposto por Gustavo Vasa, e Cristiano III que, de 1534 até agora, foi o soberano da Dinamarca e Noruega.

Homem culto e bom político, Cristiano II tornou-se famoso, no entanto, pela sua crueldade, responsável pela sua queda do poder e pelo tristemente famoso «Banho de Sangue de Estocolmo». Mas sua importância na história dos países nórdicos é de-



vida a três fatos registrados durante o seu reinado: introdução da reforma luterana; intento de conservar o império danês na Escandinávia e no Báltico, e tentativa de implantar o absolutismo monárquico em seu país.

Doze anos depois da deposição de Cristiano II, e sucedendo a Frederico de Holsteim aliado de Vasa na revolta, Cristiano III foi proclamado rei (1534) da Dinamarca e da Noruega, países que ele teve que conquistar dos partidários de seu homônimo. Sua coroação só foi possível depois de ele ter assinado uma capitulação em favor da nobreza, em 1537.

O ato seu que teve maior repercussão foi a introdução da Reforma em todos os Estados do reino. Sucede-lhe no trono Frederico II, seu filho.



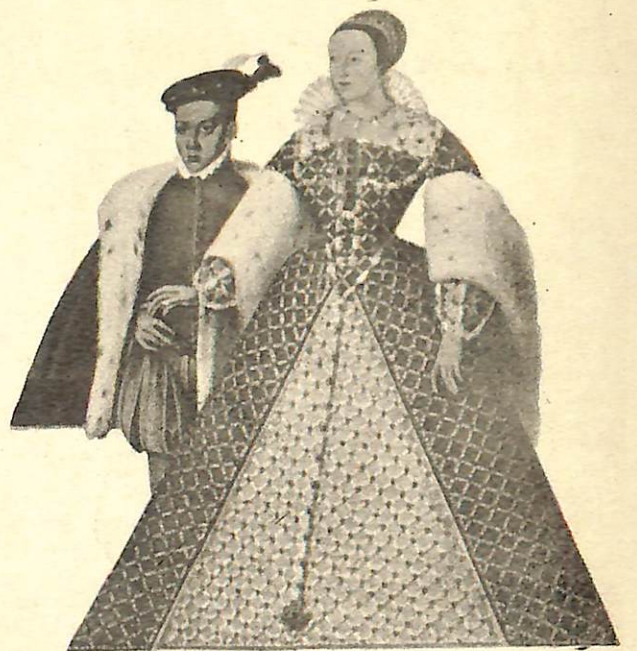
Como seu pai, Francisco I, que muitas vezes ditou pessoalmente a moda, o rei Henrique II introduziu em França o uso da meia de tricô de seda ou de lã, para homens. Ninguém mais é visto usando as antigas meias de pano.

As novas meias tornam mais distintos quem as usam, pois são colantes às pernas, mostrando melhor suas formas. Para contrastar com essas meias colantes (que chegam até acima dos joelhos) os homens estão usando calções (ou culotes) bufantes, bem armados, muitas vezes recheados de crina para melhor efeito e conservação de seu feito.

Na gravura, um modelo.

Catarina de Medicis, por seu turno, tem feito aparições maravilhosas na Corte tentando competir

A MODA COMO ELA É



com sua grande rival, Diana de Poitiers. Os vestidos da rainha, agora viúva e regente, têm sido espetaculares.

O colunista de O BRASIL EM JORNAL em Paris colheu o magnífico flagrante que é também um registro da moda para jovens, como o que a rainha tem ao seu lado.

Notem o vestido de Catarina. É uma maravilha de elevadíssimo custo. Em duas cores, azul turquesa e rosa, completado por uma gargantilha aberta e tendo em volta das mangas elegante mantilha de peles.

O mais importante nesse vestido é que ele é todo bordado a fio de ouro com pérolas e pedras preciosas.

MEDICINA

O DRAMA DE VESALIO

Alemanha, 1559 (Do correspondente)

Embora seja geralmente considerada como magistral a obra do anatomista André Vesálio («De humani corporis fabrica») impressa em 1543, o livro vem sofrendo violenta oposição dos galenistas, o que forçou Vesálio a queimar suas notas e desenhos e viajar para a Alemanha, para ser médico do imperador Carlos V.

Seu sucesso, no entanto, foi tão grande que nova edição da «Fabrica» saiu em 1555, dando oportunidade a Vesálio a que introduzisse consideráveis melhoramentos na obra, principalmente reafirmando sua convicção na descrença da circulação do sangue pelo septo cardíaco.

Notícias da cidade de Pádua informam que Vesálio vem tendo grandes seguidores de sua teoria, notadamente Servetus e, agora, Realdus Columbus, que vem de declarar publicamente que admite como certa a circulação do sangue nos pulmões.

DESAPARECE FERNEL

Paris, 1558



João Fernel, médico e matemático dos mais notáveis de nosso tempo, faleceu nesta cidade, aproximadamente aos 64 anos de idade. Fernel era conhecido por ser o médico de Diana de Poitiers e, conseqüentemente, gozar dos favores do rei Henrique, a quem curou de certa febre. Atribui-se a Fernel, também, como médico, haver cessado a esterilidade da rainha Catarina de Medicis, tendo sido ele o pai de seu décimo filho.

Nascido em Clermont-en-Beauvois, provavelmente em 1494, Fernel foi mandado estudar em Paris, onde se doutorou em medicina em 1530, iniciando-se no exercício da profissão em 1534, quando logo adquiriu grande reputação. Espírito altamente especulativo, Fernel interessou-se também por outros estudos, notadamente matemática e astronomia.

Foi Fernel quem mediu, de maneira inteligente e prática, a distância entre Paris e Amiens (1525), contando as voltas dadas pelas rodas da carruagem durante o percurso. Depois mediu esrupulosamente o perímetro das rodas e multiplicou por este valor o número de evoluções feitas por elas, achando 40,040 quilômetros. São muitas as obras deixadas pelo ilustre cientista.



Como nosso caricaturista viu a odisséia dos franceses na viagem de volta do Brasil. (Ler «Fôrça expedicionária expulsará franceses do Rio de Janeiro».)

HERANÇA DE CARAMURU GERA DISSENÇÕES

Salvador, novembro, 1559

Uma questão sobre a herança de Caramuru ameaça as boas relações entre jesuítas e sacerdotes de outras ordens.

O inventário de Diogo Alvarez corre no fóro desta cidade e, para ser homologado, depende, ao que parece, da assinatura de um clérigo da Sé de Salvador. Caramuru, grande amigo dos jesuítas, deixou a estes a metade de sua terra.

Embora já tenha havido apelo ao Vigário-geral, padre Francisco Fernandes, até agora o documento está pendente no fóro. O escrivão do feito informou-nos que palram acusações contra a autenticidade do instrumento com que Caramuru fez o legado à Companhia. Mas uma fonte ligada à Igreja, e portanto insuspeita, adiantou-nos que o documento é verdadeiro e que há má-vontade dos clérigos em despachá-lo.

O BRASIL EM JORNAL
EDITORA REFORMA S/A
R. México, 119, 12º and.
grupos 1.202/8 — Tel.: 22-6807
SEDE PRÓPRIA
End. Teleg. REFORMA
RIO DE JANEIRO

Secretarios
RUBEM AZEVEDO LIMA
ZUENIR CARLOS VENTURA

Paginação
WALDYR FIGUEIREDO

Ilustração
ADAÍL

Revisão
GABRIEL CHAVES DE MELO

SUCURSAL EM S. PAULO
Pr. das Bandeiras, 40, 9º and.
Tel.: 33-6647

ASSINATURAS (ANUAIS)
24 Nos. SIMPLES... Cr\$ 240,00
24 Nos. AÉREA... Cr\$ 300,00



Depois de dois séculos França recupera Calais

Paris, 6, janeiro, 1558

O povo francês pôde, finalmente hoje, cantar, pular e se abraçar nas ruas: Calais, onde os ingleses estavam estabelecidos há dois séculos, caiu em poder da França.

A vitória deveu-se a um golpe de audácia de Francisco de Lorena, duque de Guise, que marchou sobre Calais, cercou-a e, depois de árdua batalha, conseguiu expulsar definitivamente os ingleses da França, salvando assim a Coroa gaulesa. Francisco de Lorena está sendo considerado pelo povo como um herói nacional.

Na gravura estampamos um flagrante do cerco, no momento exato em que, sob o comando do duque de Guise, as tropas francesas, transpondo as águas, entram na cidade.

Portugal
conquista
cidade hindu:
Damão

Goa, Índia, março, 1559

Após estrondosa vitória em Damão, regressou a esta cidade o vice-rei da Índia, D. Constantino de Bragança. Soldados portugueses que com ele regressaram foram recebidos sob aclamações, pela população civil.

A conquista de Damão é considerada aqui da mais alta importância estratégica. Recordar-se, aliás, que a cidade tinha sido entregue ao antecessor de Constantino, sr. Francisco Barreto, pacificamente, pelo rei da Cambaia.

Tempos depois, contudo, Cide Bofatá rebelou-se contra a cessão da cidade e retomou-a.

Barreto já entregara o governo e o próprio vice-rei se decidiu a reocupá-la.

Soldados que regressaram de Damão explicaram a O BRASIL EM JORNAL um gesto do vice-rei, após a vitória.

«Os indígenas abandonaram a cidade e D. Constantino mandou lançar pregão pelas aldeias vizinhas, oferecendo vantagens e regalias aos que quisessem habitá-la. Muitos voltaram, satisfeitos.»

D. Constantino é irmão do duque de Bragança e primeiro homem de sangue realmente ilustre no governo da Índia.

VITÓRIA É VITÓRIA, POR CAUSA DA VITÓRIA

Vitória (ex-Vila Nova), 8, setembro, 1558

Hoje, uma vitória obtida sobre os índios motivou, além de festas públicas, a mudança do próprio nome da cidade.

Diogo de Moura, que escapou ao desastre de Cricaré, em 22 de maio último, quando os selvagens puseram as pequenas forças portuguesas em fuga, conseguiu retumbante êxito.

Cercado em Vila Nova, resistiu quanto pôde e acabou

decidindo-se pelo ataque. A surpresa da investida deve ter sido fator decisivo no resultado final da guerrilha que lhe moviam os índios.

Os selvagens foram batidos, os chefes se humilharam e Diogo de Moura mudou o nome de Vila Nova para **Vitória**.

Príncipes casam-se aos 15 anos

Paris, 19, abril, 1558 (Do correspondente)

Os Valois unem-se hoje aos Stuart: Maria, da Escócia, e o delfim Francisco, filho dos reis da França e herdeiro da coroa, casaram-se hoje. São duas crianças que se consorciaram: ambas com quinze anos feitos.

Em 1543, com menos de um ano de idade, Maria foi prometida em casamento ao então príncipe Eduardo, filho de Henrique VIII. Os escoceses levantaram-se em protesto, pois tal casamento submeteria a Escócia católica à Inglaterra anglicana, o que não acontece agora, quando se unem, através das casas reais governantes, duas nações católicas: França e Escócia.



MÚSICA

ACOMPANHANTES

Os instrumentos acompanhantes do momento são a espineta, a lira de braço, a guitarra e, como sempre, a alaúde.

ARIA

Estão se tornando muito populares composições instrumentais ou vocais chamadas de «árias». Elas contêm um certo número de frases enlacadas com regularidade e simetria, representando uma unidade de conceito e tonalidade.

As árias, que começam a se fazer notar nesta segunda metade do século, vão sendo lançadas na Europa pelos cantores acompanhados de alaúdes. Os que não gostam afirmam: — «Essa tal de ária não passa de exibicionismo dos poetas e dos que têm cordas vocais privilegiadas.»

A MAIS VELHA

A harpa é, talvez, o mais antigo instrumento musical de que se tem notícia. Sabe-se, com certeza, que ela já era usada em sua forma rudimentar em Tebas no século XVIII antes de Cristo.

Hoje esse maravilhoso instrumento conta até com 25 cordas, mas ainda se encontram muitas que não possuem mais de 15.

OS BAILES

Os bailes estão alcançando grande sucesso popular. Diz-se mesmo, na Inglaterra, que o motivo maior da sua «conversão» são as suas «festas e alegrias públicas». Os bailes já estão se tornando motivo obrigatório nos espetáculos teatrais europeus.

ACADEMIAS

Sob o nome de Academia, têm surgido na Europa, principalmente na Itália, grupos seletos de eruditos e homens de letras que emprestam à música em suas reuniões, extraordinária importância.

«Academia» é termo originário dos Jardins de Academo, perto de Atenas, onde se reuniam os discípulos de Platão.

As modernas academias têm adotado nomes singulares, anotando-se entre as muitas italianas as Academias del Gelati, del Eccitati e del Immobili. Elas estão sempre a patrocinar concertos para os quais são convidadas as pessoas mais destacadas.

Em Veneza, neste ano de 1558, a já conceituada Academia da Fama, conta com o concurso de grandes nomes como Zarlino e Andrea Gabrielli.

«BAIXA DANÇA»

A sociedade repele o que considera e chama «baixa dança». Trata-se dos bailados populares nos quais se verificam saltos em compassos ternários marcados em tambor. Até mesmo a atração popular por esse tipo de divertimento vai diminuindo à proporção que os anos passam.

MÚSICA

O musicista Jean Maillard terminou este ano (1558), em Paris, onde, aliás, produziu quase todas suas obras, três missas e um credo, composições muito apreciadas, como sempre acontece com respeito a Maillard. Trata-se de um dos compositores mais fecundos da música francesa da atualidade.

BATISMO RESSUSCITA CRIANÇA

Salvador, 5, julho, 1559

Um indiozinho dado como morto, nesta cidade, foi salvo pelo batismo, de ser sepultado — esta a sensacional revelação — hoje fez, a O BRASIL EM JORNAL, uma das testemunhas presenciais do acontecimento, o padre Pires.

«Os pais da criança, revelou-nos Pires, choravam em volta do «cadáver». Um parente resolveu chamar-nos para que o batizássemos e o enterrássemos cristãmente. Pois bem: mal o batizamos, o me-

nino abriu os olhos e pôs-se a balbuciar algumas palavras ininteligíveis. Os presentes se espantaram muito com o que aconteceu, mas ficaram edificadas com a força do batismo».

O índio está em perfeitas condições e até já voltou ao colégio em que estudava.

“O TERRÍVEL” CONTINUA

Moscú, 1559

Ivan IV, o Terrível, continuando seu sonho de dominação, tomou Narva e iniciou uma guerra contra a Suécia pela posse da Livônia.

A guerra, que estourou o ano passado, tomou proporções de conflito europeu e nesse pouco tempo já se nota a incapacidade da Livônia, fragmentada e feudal, de resistir ao império russo.

MORRE

MATEMÁTICO

Annaberg (Alemanha), 1559 (Do correspondente)

A matemática alemã sofreu pesada perda com a morte, este ano, do sábio Adão Riese, ocorrida nesta cidade. Riese, que desapareceu aos 70 anos, era mais conhecido como calculador e suas numerosas obras foram muito difundidas em toda a Alemanha. Entre as obras de Riese destacamos «O livro das contas», escrito em alemão.

ESTÁCIO DE SÁ COMANDA GALÉ

Lisboa, dezembro, 1559

Estácio de Sá, um menino ainda, sobrinho do governador do Brasil, sr. Mem de Sá, foi nomeado, em novembro último, capitão da galé Concelção.

O posto não é lá muito cobrado. O ordenado, sim: 2 mil réis por mês mais ajuda de custo de 500 réis.

MORTO PAULO IV ELEITO PIO IV

A vida do Sumo Pontífice que desaparece aos 83 anos

Roma, 18, agosto, 1559

Exatamente às 21 horas de hoje, depois de recomendar com insistência a Igreja aos cardeais e pedir o acabamento da basílica de São Pedro, Paulo IV — 83 anos de vida e três de pontificado — fraco e sem querer alentar-se deu seu último suspiro. Horas antes havia desmaiado de fraqueza.

Tão severo para ele como para os outros, Paulo IV observou sempre os jejuns que se impunha. Mesmo nos últimos dias de vida, recusou-se obstinadamente a romper a abstinência, para tomar os alimentos julgados indispensáveis pelos médicos. Seu sobrinho Alfonso Carafa insistiu, em vão.

Os últimos meses de Paulo IV foram todos ocupados com a reforma da Igreja. Empenhou-se principalmente para fazer observar a residência dos bispos e expulsar de Roma grande parte do excessivo número de preladados que existiam na cidade. E conseguiu, pois, em fevereiro de 1556, havia nada menos de 113 bispos e agora só os que servem na Santa Sé (cerca de 12) permanecem na cidade.

Para execução das medidas, no dia 6 de março, convocara todos os bispos presentes na cidade para um consistório secreto, durante o qual promulgou uma bula ordenando aos que não tinham função oficial em Roma deixar a cidade em um mês, sob pena de deposição.

Paulo IV trabalhou pela causa que escolheu até não ter mais forças. Se se pode reprovar os excessos de severidade, como no caso do cardeal Morone, que ele fez perseguir pela Inquisição e jogar na prisão, não se pode negar uma verdadeira paixão pelo bem da Igreja, que ele conduziu à restauração perfeita da disciplina eclesiástica.

Trento, 26, dezembro, 1559 (De Antônio Melledone, enviado especial de O BRASIL EM JORNAL)

Após três meses de muita discussão e surpresa, os conclavistas reunidos nesta cidade, desde o dia 5 de setembro, elegeram na noite de hoje o substituído de Paulo IV. Graças a Carlo Carafa e à influência do embaixador de Florença, a escolha recaiu sobre Jean-Ange de Médici.

Segundo fontes oficiais, nesta eleição não houve nenhuma preocupação política, já que desde o tratado de Cateau-Cambresis a França renunciara às suas pretensões na Itália e Filipe II declarou que queria um Papa «digno». Logo nos primeiros escrutínios apareceram três grupos: o espanhol, dispoendo de 17 sufrágios; o grupo francês, com 16, e o grupo Carafa, composto dos cardeais nomeados por Paulo IV e contando com 13 votos. A este partido pertencia Alexandre Farnésio.

A «CAPITULAÇÃO»

Um dos acontecimentos mais importantes do início do conclave foi a «capitulação», lida no dia 8 de setembro. Aí figura em primeiro plano a reforma da Igreja universal e da Cúria romana.

A duração excepcional da reunião foi devida, em parte, à atividade do embaixador Vargas e à lentidão mais ou menos calculada de Filipe II em dar a palavra de ordem. Houve durante semanas escrutínios puramente formais, «escrutínios de honra», como foram chamados.

Finalmente nos dias 11 e 19 de novembro chegaram instruções que agitam o conclave. Filipe recomendava que impedissem a eleição de Hercule Gonzaga, um dos candidatos. Carafa aproveitou a ocasião para reclamar, em troca dos 17 sufrágios de que dispunha, o título ducal. Neste momento Carafa era solicitado pela Espanha e pela França.

O novo lá fora impaciente já ameaçava a ordem e temia-se perturbações. Os escrutínios continuavam com surpresas de ambos os lados. Gonzaga e Carpi lutavam, mas um dia acreditou-se que Pacheco ganharia, pois obtivera 27 dos 30 votos de que necessitava para receber a tiara. Finalmente a luta se reduziu a dois nomes: Cesi e o vencedor Medici, que agora como Papa chama-se Pio IV.

VIDA DE PAULO IV

Toda a vida de Giampietro foi posta ao serviço da Igreja. Nasceu a 28 de junho de 1476, sua vocação foi sempre a vida eclesiástica e a Igreja seu maior entusiasmo.

Sacerdote em 1484, foi nomeado camareiro pontifício em 1492 e em 1503 era bispo de Chieti. Desempenhou uma legação na corte de Fernando, o Católico, em Nápoles (1506) e outra na corte de Henrique VIII da Inglaterra. Sua atividade diocesana foi extraordinária, tanto em Chieti como no arcebispado de Brindisi (1517-1520).

Desde 1516, pertencendo ao Oratório do Amor Divino, criado em Roma sob sua direção e a de Gaetano Thiene. Em 1524, renunciou à sua dignidade episcopal para se dedicar à nova ordem, da qual foi o primeiro superior. O saque de Roma levou a Veneza os membros do Oratório. Nesta cidade, onde se havia introduzido o luteranismo, Carafa sentiu logo a gravidade do mal e dirigiu um amplo relatório a Clemente VI, expondo seu sistema para combater os progressos da heresia protestante. Figurava nele a reorganização do Santo Ofício à base do modelo da inquisição espanhola.

Matrimônio une França à Espanha



FILIPE II

3º casamento real

Paris, 22, março, 1559 (Do enviado especial)

Uma menina de apenas 14 anos, Isabel de Valois, filha mais velha do rei de França, Henrique II, casou-se hoje, no oratório do palácio do Louvre, com o poderoso monarca (33 anos) de Espanha, Filipe II. Representou o rei Filipe na cerimônia seu amigo e conselheiro duque de Alba.

Cumprido-se, assim, uma das cláusulas do tratado de Cateau Cambresis, de que damos nota em separado nesta mesma edição. Este é o terceiro casamento do rei de Espanha, tendo sido suas duas esposas anteriores a princesa Maria Manuela de Portugal e Maria Tudor, de Inglaterra. O que mais se comenta nas altas rodas é que Isabel fora prometida ao infante dom Carlos, filho do rei com quem agora se casa. As necessidades diplomáticas decidiram em contrário, e agora essa moçinha ornará sua cabeça com a mais importante coroa de nossos tempos.



ISABEL

Nova companheira de Filipe

Nomeado cardeal por Paulo III no dia 25 de dezembro de 1536, Carafa foi o membro mais destacado do grupo intransigente da Cúria pontifícia. Tomou parte em várias comissões que prepararam a obra da Reforma Católica, interveio na instituição da Companhia de Jesus e foi o propagandista acérrimo da Inquisição romana, que logrou ver aprovada em 1542. Ele próprio dirigiu e foi membro destacado da congregação cardinalícia encarregada de seu governo.

Os que reclamavam a restauração do catolicismo, em todo seu rigor, estavam certos de que teria sentado ao trono de São Pedro um bom representante. Porque este homem alto e delgado, rápido de andar, todo nervos, ainda conservava o fogo da juventude.

Assim como na vida diária não se submetia a nenhuma regra e frequentemente dormia de dia e estudava de noite (e ali do criado que entrasse no quarto sem ser chamado!), Paulo IV em tudo se deixava levar pelo impulso do momento. Mas esses impulsos obedeciam a um ponto de vista formado durante toda a vida e convertido em segunda natureza. Na verdade, Giampietro parecia não conhecer outro dever nem outra ocupação que o estabelecimento da velha fé em seu esplendor antigo.

POVO QUIS IMPEDIR SEPULTAMENTO DE JESUÍTA

Salvador, 25, dezembro, 1558

Morreu nesta cidade, após rápida enfermidade, o primeiro mestre de noviços no Brasil, o jesuíta João Gonçalves, e seu corpo só à força pôde ser sepultado: o povo não o queria

Paris, (Palácio real de Tournele), junho, 1559 (Do enviado especial)

Margarida de França, irmã do rei Henrique II, casou-se com Emmanuel Philibert, duque de Sabóia e famoso cabode-guerra de Filipe II. A cerimônia contou com a presença de toda a corte e foi realizada sob a inspiração do próprio rei Henrique, atendendo a imposições diplomáticas decorrentes do tratado de Cateau-Cambresis, celebrado este ano.

Além da cláusula que estipula o casamento, outra determina que seja devolvido o ducado de Sabóia (em poder dos franceses desde Francisco I) ao seu legítimo soberano. O noivo, Emmanuel Philibert de Sabóia, já se fez notar como um dos mais competentes generais da atualidade, tendo ficado registrada nos anais da história militar da Europa sua grande vitória em Saint

Quentin, contra os exércitos franceses do condestável Montmorency (10 de agosto de 1557) noticiada pelo O BRASIL EM JORNAL em número anterior.

COMENTARIOS

O casamento não agradou a grande parte dos franceses, porque Margarida levava como dote o Piemonte e a Savóia.

— «Nós perdemos duas belas províncias por causa de uma princesa de 36 anos apaixonada», diz o povo.

Os soldados franceses em serviço no Piemonte, furiosos de deixarem um país onde levavam vida cômoda, exprimiram seu descontentamento em linguagem mais viva e menos cerimoniosa. Os versos, as músicas, os ditos de crítica dos militares dariam para formar um livro que faria corar qualquer um, se fosse permitida a publicação.

permitir e, enquanto esteve ele exposto à visitaçào, na Sé, beijava-lhe os pés respeitosa-

mente. A morte de Gonçalves ocorreu na noite de 20 para 21. O padre Manuel da Nóbrega,

inconsolável, dizia que «tinha perdido um pai.»

«Gonçalves me descausava e fazia dormir meu sono quieto, porque tomava todos os meus trabalhos sobre si: ele era meu exemplo.»

EM SOCIEDADE

AH

Agora que está morto o grande capitão Pedro de Valdivia, as más línguas revivem, de vez em quando, o célebre «golpe» do conquistador do Chile, dado quando decidiu apoiar Pedro de La Gasca contra o chefe revolucionário Gonzalo Pizarro. Anunciou Valdivia que o navio em que partiria estava à disposição dos que quisessem lutar no Peru. Muitos aceitaram e levaram para bordo seus pertences, inclusive (e principalmente) o ouro. Valdivia deu um banquete na praia e, sem nenhum aviso, correu para bordou e zarpu deixando «a ver navios» os donos do ouro...

As altas rodas sociais de Roma, Paris e, agora, Florença estão em sobressalto: Cellini, o gênio do cinzel, vai escrever suas memórias e corre a notícia de que vai contar tudo o que sabe e o que viu, não só sobre sua própria vida como sobre as de muitas pessoas importantes... Será uma obra temerária, digna de Aretino, se Cellini, gênio transviado, contar mesmo toda a verdade.

O padre Luís Gonçalves Câmara foi afinal escolhido como preceptor do príncipezinho herdeiro, D. Sebastião de Portugal. A disputa em torno do cargo agitou Portugal. Ao que se informa, a escolha do jesuíta se deveu à intervenção da camareira-mor, D. Joanna de Eça, sua tia.

Outro fato que motivou alguns atritos na corte foi o título que se deu à criadagem (nobre) do príncipe: «sumilheres de cortina». Alega-se que o nome é imitado da corte espanhola e o povo é positivamente contrário às influências estrangeiras em Portugal.

Um casamento secreto abalou Lisboa: o do duque de Bragança, D. Teodósio, com a sobrinha do duque de Aveiro. Teodósio enviou no ano passado e revelou à rainha D. Catarina sua intenção de tornar a casar-se. Catarina discordou e ele resolveu desobedecer. A uma hora da madrugada do dia 3 de setembro último, casou-se secretamente. Resultado: a rainha intimou o casal a se retirar da corte. O duque de Aveiro foi exilado para Palmela e o pai da noiva, Luís de Lencastré, foi mandado para Tomar. Nos meios sociais comenta-se que a soberana está agindo sem tato. A união das duas famílias (Bragança e Aveiro) acabaria com a chamada comuníssima de uma pela outra. A menos, esta a

opinião unânime, que a própria rainha esteja interessada na desunião da nobreza de Portugal.

Por este magnífico portal, a estas horas, deve ter passado Diana de Poitiers numa disfarçada fuga para escapar à desforra de Catarina de Médicis e outros inimigos de menor vulto... Esse verdadeiro monumento que é fachada principal do Castelo de Anet que Henrique II mandou construir para sua grande favorita, constituir-se-á, sem dúvida, na porta do exílio a que fatalmente está condenada Diana para o resto de sua vida. O castelo foi construído por Philibert Delorme e é uma verdadeira obra-prima, digna do incomensurável prestígio da preferida do falecido rei.

Diana de Poitiers está agora com 60 anos e poderá — se Catarina, a rainha-mãe, não resolver levar muito longe sua vingança — viver o resto de seus dias nesse maravilhoso palácio, cuja fachada por si só dá uma idéia do que se encontra lá dentro.

Assim, como num conto de fadas — se não houver pesadelo — Diana, a que conseguiu ser favorita em idade tão avançada, vai guardar por trás desses artísticos muros o segredo da sua imortal beleza...

Regente de Portugal é D. Catarina. Mas quem escreveu, há algum tempo, ao padre Mantel da Nóbrega, pedindo notícias do Brasil, foi o cardeal D. Henrique, cunhado da regente.

Rodrigo de Freltas, depois que enviou, está disposto a ingressar na Companhia de Jesus. Para tanto, já deu os primeiros passos junto ao padre Manuel da Nóbrega. No momento, apesar de ocupar um cargo administrativo, é quem está cuidando das criancinhas índias do Colégio da Bahia.

Todo mundo comenta em Paris os balles que a rainha Catarina de Médicis realizou em seus palácios, ontem, para celebrar o casamento de seu primogênito (herdeiro da coroa) Francisco, com Maria Stuart, rainha da Escócia. Pa-

LIVROS
E
PUBLICAÇÕES

Dois livros sobre o Brasil, aparecidos no ano de 1557, estão fazendo sucesso de venda. São eles: «Viagens pelo Brasil», de Hans Staden, e «Singularidades da França Antártica», de André de Thevet. Ambos os autores conheceram bem o país, de modo que os leitores encontrarão muitos subsídios interessantes sobre os hábitos dos brasileiros.

A Côte e os melos intellectuais franceses reavivaram sua admiração pela rainha de Navarra, Margarida, com a publicação póstuma, este ano, de uma de suas mais importantes obras: «O Heptameron».

Margarida de Navarra, a mais completa figura feminina da renascença francesa e, quicá, de toda a Europa, morreu em 1549. O BRASIL EM JORNAL honrou-se em várias vezes se ocupar da illustre dama, registrando o aparecimento de suas obras e fazendo-lhe o necrológio, cercado dos elogios que realmente merecia.

O «Heptameron» deveria ter sido, conforme desejou Margarida, um novo «Decameron», obra magistral de Boccaccio. Mas não lhe foi possível terminá-lo dada a grande dor por que passou com a morte (1547) de seu irmão Francisco I, rei da França, a quem Margarida dedicava profunda e leal amizade.

Joachim Du Bellay, jovem (33 anos) poeta francês que aqui se encontra, publicou este ano duas importantes obras: «As antiguidades de Roma», que escreveu sob a forte impressão que lhe causaram as tradições históricas e os monumentos desta cidade, e «Jogos Rústicos».

E de um português, Jorge de Montemayor, a obra saída este ano (1559) em castelhano: «Diana», já considerada pela crítica como obra-prima da novela pastoril espanhola.

A obra consta de sete partes, em que se entremela verso e prosa, sendo os versos inferiores à prosa. Os versos curtos são considerados superiores aos de forma italiana.

O humanista e teólogo reformista Matias Flaccius é dos principais autores da «Centurias de Magdeburgo», publicada este ano (1559). Trata-se de obra importante pois constitui a história eclesiástica luterana, inestimável fonte de informações para os estudiosos dos fatos religiosos.

Foi lançada este ano (1559) a tradução para o francês de uma das mais importantes obras da literatura clássica: a «Vida dos homens illustres», do filósofo grego Plutarco. O tradutor é um antigo protegido de Margarida de Navarra e se chama Jacques Amyot. Sua tradução situa-se como uma das mais destacadas realizações da literatura francesa neste século XVI.

O jurista francês Francisco Hotman, de vasta erudição e conceito, convertido ao protestantismo, publicou este ano (1559) mais uma obra de vulto: «Jurisconsultus». O antigo professor de direito já lançou muitas obras jurídicas, dentre as quais a sua «De statu primitivae Ecclesiae», em 1553.

O escritor calvinista polonês Nicolau Rej, um dos mais importantes da literatura do norte da Europa, acaba de publicar este ano (1558), obra de grande valor e de larga aceitação pela crítica. É a «Justa imagem da vida do homem honesto».

O poeta português António Ferreira, confirmando furo de O BRASIL EM JORNAL em seu número anterior, terminou este ano (1558), sua tragédia «Castro» (Inês de Castro) em que canta os amores do príncipe Pedro de Portugal com a plebéia Inês de Castro. Ferreira revela nessa obra seu empenho em adaptar o classicismo ao espírito e às tradições de sua terra, Portugal.

Preces acabaram com a sêca

Salvador, 25, maio, 1559

Hoje, dia de Corpus-Christi, índios e colonos da capital do país saíram às ruas para pedir, com orações e ladainhas, um pouco de chuva na região.

Há vários meses não chove na Bahia e os gêneros alimentícios praticamente se esgotaram em todos os depósitos públicos. Nos arredores da cidade, os campos estão ressequidos. O gado, atingido pela sêca, sofreu grandes baixas.

A aflição do povo aumentou quando inúmeros sacerdotes caíram doentes misteriosamente.

As preces públicas deram resultado: à noite caiu um temporal sobre a cidade; índios e homens brancos, sob a chuva, festejaram o que chamaram dádiva de Deus.

JORNAL ECONÔMICO

FLANDRES

Nosso informante de Flandres manda dizer-nos que, neste ano de 1559, o governo português conseguiu, ali, um levantamento de 900 mil cruzados para satisfazer alguns credores mais exigentes.

A situação econômica de Portugal, como se vê, não é boa. Agora mesmo, acaba de conseguir da Santa Sé uma bula que lhe permitirá arrecadar, anualmente, 50 mil cruzados dos bens da Igreja.

HAMBURGO

Um importante passo para maior desenvolvimento econômico de Hamburgo — um dos principais entrepostos comerciais de toda a Alemanha, por sua invejável situação geográfica, à margem direita do rio Elba — foi dado pelos negociantes e autoridades locais, com a fundação da

Bolsa de Mercadorias e Letras. Muito se espera do novo órgão regulador dos negócios da cidade.

RENDAS BAIANAS

Rendas portuguesas na Bahia podem ser consideradas boas. Informou uma fonte abalizada que, além da criação miúda, com 120 mil réis, o pescado e a mandioca (130 mil réis) e o açúcar (150 cruzados), novos produtos não tardarão a contribuir para um «superavit» de todas as despesas.

IMPORTAÇÃO DE ESCRAVOS

Lisboa, 29, março, 1559

Senhores de engenho no Brasil, mediante certidão do governador, poderão, doravante, importar até 120 escravos do Congo, pagando o terço dos direitos alfandegá-

rios, em vez de metade — esta a importante lei hoje assinada pela rainha regente, D. Catarina.

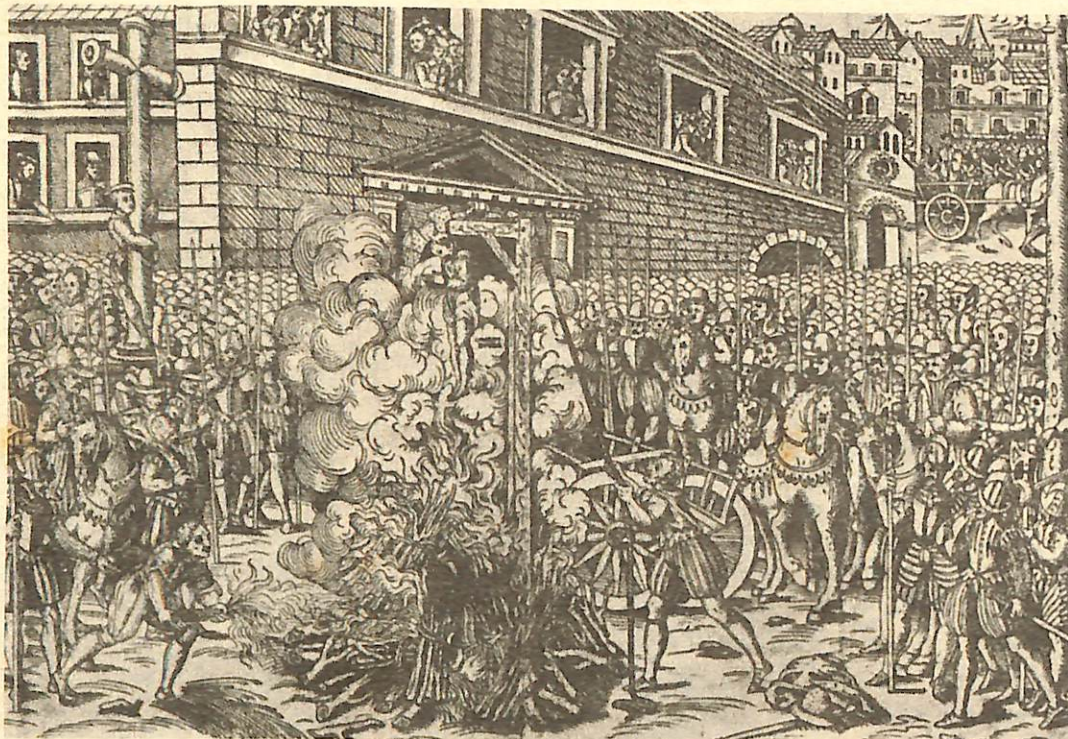
Após a assinatura real, a chancelaria providenciou, com a máxima rapidez, sua entrada em vigor. O autógrafo da lei foi encaminhado ao capitão da ilha de São Tomé, na África, bem como se fez comunicado ao atual governador do Brasil, sr. Mem de Sá.

Para os economistas, a facilidade da importação de escravos pelo Brasil dará grande impulso a sua agricultura incipiente.

ABONO

Para uma classe que realmente produz, quer educando, quer trabalhando, o governador do Brasil assinou portaria concedendo o abono pessoal de 5 mil réis em dinheiro e 12 cruzados em ferramentas, anualmente. Os beneficiários da medida são os jesuítas.

O SUPLÍCIO DE ANNE DU BOURG



Paris, 23, dezembro, 1559

Este dramático flagrante mostra aos leitores, em todos os comoventes detalhes, o suplício imposto ao conselheiro-clérigo do Parlamento, Anne du Bourg, um dos muitos protestantes sacrificados depois do Edito de Ecouen.

Anne foi conduzido à praça de Saint-Jean-en-Grève pela carrêta que se vê ao pé do patíbulo, ao lado do carrasco que retesa a corda. Ele mesmo fez questão de tirar a roupa e, em camisa, foi suspenso pelo pescoço.

Neste momento, a fogueira, que já está acesa sob o corpo de Anne, recebe um feixe de lenha trazido rapidamente por um homem.

O interesse do povo é um outro aspecto bem focalizado pela gravura; um popular que não encontrou lugar nem nas janelas superlotadas, nem no meio da compacta multidão, subiu em uma cruz e, abraçado a ela, se diverte com o espetáculo.

Anne du Bourg, cujas cinzas foram lançadas ao Sena, foi condenado porque, na assembléia das diversas Câmaras, depois de defender os protestantes, disse que seria odioso aplicar aos inocentes a pena que devia ser reservada aos adúlteros, dos quais a própria corte oferecia exemplo.

O falecido Henrique II estava presente à assembléia.

A R T E



O estilo firme e preciso do magnífico pintor real François Clouet deu-nos mais uma bellissima obra: o retrato de Cristina da Dinamarca, duquesa de Lorena. A arte de Clouet, um dos artistas da atualidade que mais produz, se aprimora nas miniaturas e desenhos.



Florença, 1558

João Bologna, artista flamengo radicado nesta cidade há quinze anos, já, portanto, considerado florentino por sua arte, foi designado adido como escultor junto à corte dos Médicis, por determinação do grão-duque Cosme I, que governa esta cidade.

É mais uma notável figura da arte contemporânea enriquecendo a poderosa corte dos Médicis, que já conta entre seus protegidos com Benvenuto Cellini.

NACIONALISMO ARTÍSTICO

«Vossa Magestade, ante o prazer e o deleite que lhe proporcionam o entretenimento de tão excelentes artistas de vossa nação, não terá necessidade de recorrer aos estrangeiros». Estas são palavras da dedicatória feita pelo artista Jacques Du Cerceau em seu «Livro de Arquitetura», saído à luz este ano (1559). O livro é oferecido ao rei Henrique II.

Esta afirmação de Du Cerceau confirma o consenso geral de que a França, sob Henrique II, tem sido servida de grandes artistas, como, por exemplo, Phillibert Delorme e Jean Goujon, que conseguiram libertar-se de seus modelos, criando obras originais, capazes de enfrentar sem medo as produções italianas de nossa época.

BRASIL TEM NOVO BISPO

Salvador, 9, dezembro, 1559

Chegou, hoje, a esta cidade, o novo bispo do Brasil, D. Pedro Leitão.

Em companhia de D. Pedro, que veio substituir o bispo Sardinha, tragicamente morto pelos índios, como noticiamos, chegaram sete jesuítas.

A vinda da mais alta autoridade eclesiástica agradou a todos. Na Companhia de Jesus (Colégio) comentava-se que era mesmo disto que os homens brancos estavam precisando, a fim de não estorvarem o trabalho do governador Mem de Sá.

Após o desembarque dos religiosos, o bispo foi recebido em audiência pelas autoridades da cidade. Ao que se diz, S. Exa. Revma. empenhar-se-á na expulsão dos hereges franceses, ora no sul do país.

D. Pedro foi confirmado neste posto, por bula do papa Paulo IV, em março do ano passado.